

A ASTÚCIA DE AQUILES NO CANTO I DA *ILÍADA**

CHRISTIAN WERNER

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO • BR

crtwerner@hotmail.com

Este artículo desarrolla una interpretación de *Iliada* I.131-32, exponiendo mediante un análisis de los versos que anteceden a este pasaje las razones de la acción de Aquiles en la ἀγορή. El resultado es la percepción de trazos de la astucia (μητις) en las palabras de Aquiles.

epopeya | Homero | *Iliada* | Aquiles | astucia

This article develops an interpretation of *Iliad* I.131-32, showing mainly by an analysis of the verses that precede this passage the reasons of Agamemnon's reaction to Achilles' action in the ἀγορή. As a result we will distinguish traces of cunning (μητις) in Achilles' words.

epos | Homer | *Iliad* | Achilles | cunning

"Mas tudo vai vivendo demais, se remexendo."

(J. G. Rosa, *Grande sertão: veredas*)

Numa primeira aproximação, os versos 131-32 do canto I da *Iliada* μητις μη δὴ οὕτως. ἀγαθὸς περ ἑών. θεοείκελ' Ἀχιλλεῦ, κλέπτε νόω. ἐπεὶ οὐ παρελεύσεται οὐδέ με πείσεις") poderiam ser assim traduzidos: "Mesmo sendo nobre, Aquiles par dos deuses, / não roubes assim com o espírito, pois não me ultrapassarás nem convencerás". Começemos, porém, pelas intervenções feitas anteriormente por Aquiles nesse mesmo canto.

No próêmio do poema, que focaliza a ira de Aquiles, aponta-se para um fato primeiro, a briga entre ele e Agamêmnon. Mesmo antes da alteração propriamente dita, porém, ambos os heróis são-nos apresentados na sua diferença. Agamêmnon, ignorando as demonstrações do exército, prejudica a todos ao recusar a súplica de Crises (22-25); Aquiles, preocupado com o exército, convoca a assembléia a fim de inquirir as causas da praga que assola o acampamento (53-67). Portanto, por meio destes dois eventos complementares – expulsão de Crises e convocação da assembléia–, fica estabelecida não só a

* Uma primeira versão desse texto foi apresentada no V Congresso Nacional da SBEC. Agradeço à leitura e aos comentários de Jorge Piquet.

primazia de Aquiles e de Agamêmnon entre os demais personagens aqueus, mas também é iniciada, bastante cedo e *in medias res*, sua caracterização.¹

A participação de Hera na atuação de Aquiles também é significativa.² Enquanto que o ato de Agamêmnon acaba por ocasionar a ira de Apolo, Aquiles é representado próximo aos deuses de um modo positivo, já que a piedade, mencionada pelo narrador como motivadora da decisão que a deusa põe no espírito do herói é,³ também, a piedade de Aquiles.⁴

O que nos interessa, porém, é o teor da fala de Aquiles (59-64):

Ἄτρείδῃ, νῦν ἄμμε παλιμπλαγχθέντας οἴω
 ἄψ ἄποουστήσει, εἴ κεν θάνατόν γε φύγοιμεν,
 εἰ δὴ ὁμοῦ πόλεμός τε δαμᾶ καὶ λοιμὸς Ἀχαιοῦς.
 ἀλλ' ἄγε δὴ τίνα μάντιν ἐρείοιμεν ἢ ἱερῆα,
 ἢ καὶ ὄνειροπόλον, καὶ γάρ τ' ὄναρ ἐκ Διὸς ἔστιν.
 ὅς κ' εἴποι ὅ τι τόσσον ἐχώσατο Φοῖβος Ἀπόλλων...⁵

Os nove versos possuem alguns elementos curiosos. O Peleida não se dirige aos seus pares nem ao exército, mas diretamente a Agamêmnon. Entretanto, a menção da possibilidade do retorno, enunciada logo no primeiro verso, é algo que, como sabemos a partir do canto II,⁶ agrada imensamente ao exército. Todavia, no restante da *Iliada*, é Agamêmnon quem costuma sugerir o νόστος,⁷ o que é sistematicamente execrado pelos πρόμαχοι.⁸ Por outro la-

¹ Sobre as diversas e complementares razões para que seja Aquiles quem convoca a assembléia, cf. EDWARDS (1980:11), KIRK (1985:ad 55-56), SEEK (1992:9), MUELLNER (1996:136) e PULLEYN (2000:ad 54). Vale ressaltar ainda que o destaque auferido por Aquiles é semelhante ao de Telêmaco ao convocar a *agora* no canto II da *Odisséia*, muito embora, no caso da *Iliada*, isto não seja explicitado.

² "... καλέσατο λαὸν Ἀχιλλεύς / τῷ γὰρ ἐπὶ φρεσὶ θῆκε θεὰ λευκώλενος Ἥρη" (55-56: "Aquiles convocou o exército: com efeito, no seu espírito havia posto a deusa Hera de alvos braços").

³ "κῆδετο γὰρ Δαναῶν, ὅτι ῥα θνήσκοντας ὀράτο" (57: "com efeito, apiedou-se dos dánaos, pois os via morrendo").

⁴ Sobre a confluência entre a deusa e o herói, cf. SCHMITT (1990:78-79), MUELLNER (1996:136) e KIM (2000:71-73). Para ERBSE (2001:242), por outro lado, a ação de Aquiles é assaz estranha: "Wir erleben hier zum ersten Male, dass menschliche Entschlüsse, die der Dichter mit den üblichen psychologischen Begriffen nicht zu deuten vermag, als Ausfluss göttlichen Willens vestanden werden. Homer kennzeichnet mit diesem Verfahren den jeweiligen menschlichen Entschluss als ungewöhnlich".

⁵ "Atrida, agora creio que nós, após sermos desviados de novo, / retornaremos para casa (se da morte escaparmos), / se, de fato, a guerra e igualmente a peste destruírem os aqueus. / Mas eia! Que interroguemos um adivinho ou sacerdote, / ou um onírocrita –com efeito, o sonho também vem de Zeus-, / que diria em relação a quê Febo Apolo tanto se encolerizou, / se ele se queixa de uma prece ou de um sacrifício, / esperando que o odor de ovelhas e cabras adultos / ele queira aceitar para de nós afastar a peste".

⁶ Cf. não só a reação do exército à proposta de Agamêmnon (2.142-54), mas, em especial, o discurso de Odisseu ao exército (284-332).

⁷ Cf. 2.110-41, 9.17-28 e 14.65-81.

do, se examinarmos a sintaxe dos três primeiros versos –o retorno e as variáveis que o condicionam–,⁹ poderemos concluir que, para Aquiles, é a guerra o foco de interesse, e não o retorno.¹⁰ Ele afirma que, se tanto a guerra quanto a peste subjuguem os aqueus, ou seja, se eles não forem capazes de derrotá-las, poderão voltar para casa. A preocupação principal, contudo, não é a guerra (que já perdura por nove anos), mas a peste, o problema verdadeiro e, potencialmente, solúvel: Aquiles chama Calcas porque sabe que ele poderá achar uma solução. Voltar para casa, contudo, em especial no caso de Aquiles, é muito difícil.¹¹

Desse modo, na abertura da sua fala, Aquiles consegue, ao mesmo tempo, 1) a *captatio benevolentiae* do exército, já que, discursivamente, a possibilidade de retorno tem um certo peso, e 2) uma posição secundária em relação a Agamêmnon, já que toda a importância é deslocada para Calcas,¹² de sorte que Aquiles não se destaca em relação ao ἄναξ ἀνδρῶν. Que Aquiles toma cuidados para não irritar Agamêmnon, isto é sugerido, igualmente, pelo fato de que, aparentemente, ele sabe que a peste foi causada por Apolo em conseqüência da desonra de Crises, muito embora a isto não se refira.¹³ Resumindo: através de um manuseio muito hábil do discurso, Aquiles consegue tudo o que quer sem ficar na berlinda e sem exasperar ninguém. Por certo ele não faz uso de nenhuma mentira, mas também não revela tudo que está pensando.

Todavia, o texto mesmo, na seqüência, se encarrega de apagar tal imagem de Aquiles como prudente e astucioso. Calcas, na sua resposta ao Peleida (74-83), é cuidadoso ao se referir a Agamêmnon, embora mais explícito que o próprio Aquiles, pois anuncia que a sua fala vai desagradar àquele que tem o

⁸ Aquiles, um πρόμαχος, manifesta o desejo de retornar nos cantos I e IX; LYNN-GEORGE (1988:123-31), por outro lado, mostra as confusões de tal desejo: "Achilles' assertions of autonomy are accompanied by some such noise throughout his prolonged departure, in which he is detained by a denied desire and dependence upon others." (p. 126)

⁹ A sintaxe indica que escapar da morte (a primeira prótase) é uma condição mais remota que a guerra/peste, ou seja, o que motivaria a decisão (hipotética) de Aquiles seria uma contingência da guerra, a peste, e não algo que Aquiles percebe como quase inevitável, ou seja, inerente à guerra, a morte na batalha. Se, e somente se, a peste dominar (δαμῆ) os aqueus, dar-se-á o retorno; como Aquiles necessita da ajuda de Calcas –o futuro com *ei* pode indicar um evento que é determinado por uma força independente do falante: cf. MONRO (1974:298)–, ele convoca a *agora*.

¹⁰ Tal conclusão poderia ser reiterada se, além disso, também comparássemos a passagem em questão com um trecho similar da *Odisseia* (13.5-6), na qual reencontramos a seqüência "παλιππλαγχθέντας οἴω' ἄψ ἄπονοστήσειν".

¹¹ Exatamente o contrário do que diz Alcínoo em XIII.

¹² O fato de Aquiles, de imediato, apelar para Calcas, não parece agressivo para com Agamêmnon. Talvez exatamente para frisar isto o poeta faça questão de sublinhar a autoridade do adivinho (69-72).

¹³ Sobre as desconfianças do herói, cf. PULLEYN (2000:ad 65): "It seems very diplomatic of Achilles not to mention the blindingly obvious alternative possibility that Apollo is angry with Agamemnon for his treatment of Chryses".

poder sobre todos os aqueus. Já Aquiles (85-91), na sua promessa de proteger o adivinho, reitera que não porá a mão nele "nem mesmo Agamêmnon, que se jacta (εὐχεται) de ser, em muito, o maior dos aqueus". Muito embora seja difícil avaliar, com precisão, a conotação do verbo εὐχομαι, já é assaz desafiador da parte de Aquiles explicitar que nem mesmo Agamêmnon poderá fazer algo contra Calcas, já que ele está sob sua proteção.¹⁴ Aqui Aquiles de acordo com a imagem que normalmente dele fazemos: Calcas dele exige uma promessa, e ele se compromete de forma franca e direta.

Não deve surpreender, portanto, que, após Calcas revelar as razões da peste (93-100) e Agamêmnon estipular condições para concordar com as medidas necessárias para tentar apaciar Apolo (106-20), Aquiles acentue ainda mais sua hostilidade contra Agamêmnon (122-29), sem que, todavia, o próprio rei de Micenas tenha se posicionado uma única vez contra o outro herói. A intervenção de Aquiles novamente o mostra preocupado com o exército como um todo. Ele é contra a compensação imediata de Agamêmnon porque "não é apropriado (ἐπέοικε) juntar essas coisas de novo do exército" (126).¹⁵ Mesmo assim, nem algum chefe nem o exército se posicionarão claramente ao lado de Aquiles, salvo, eventualmente, dependendo da interpretação que se der ao episódio, Tersites no canto II.¹⁶ Por outro lado, o próprio Agamêmnon indica que atenta ao exército no verso 117: "Prefiro ser o salvador do exército a destruí-lo". Todavia, ao passo que a posição de Aquiles parece ser primordialmente marcada pela solidariedade, a de Agamêmnon, para quem não é "apropriado" (ἐοικε) ficar sem sua parte do butim (1.18-19), funda-se naqueles que seriam seus direitos enquanto βασιλεύτερος.¹⁷

Isto, em grande parte, justifica que as críticas de Aquiles a Agamêmnon se tornem mais incisivas, o que não vai contra práticas comuns no

¹⁴ Para KIRK (1985:ad 85-91), a menção explícita de Agamêmnon é "a gratuitous addition, this, and mildly insulting, the beginning of trouble. The comprehensiveness of Akhilleus' guarantee was plain enough without directly mentioning the king again"; para PULLEYN (2000:ad 89), "Achilles, who does not share Calchas' fear of Agamemnon, names the latter openly. This disregard for the king implies a pre-existing antipathy between the two men. Achilles does not trouble to avoid being provocative." Quanto a εὐχεται no verso 91, Kirk nota que o verbo usualmente implica uma reivindicação justa, mas pode também sugerir uma bazófia duvidosa. Aqui haveria ironia e provocação, pois Aquiles se considera o melhor dos aqueus.

¹⁵ Acerca da ambiguidade sintática desse verso, cf. KIRK (1985) e PULLEYN (2000) *ad loc.*

¹⁶ Cf. POSTILEWAITE (1998).

¹⁷ Deve-se ressaltar que, ao longo do canto I, nenhum grego, salvo Aquiles, afirma que as reivindicações primeiras de Agamêmnon são justas ou injustas. Por outro lado, Nestor chega perto, lembrando a Aquiles que "οὐ ποθ' ὁμοίης ἔμμορε τιμῆς / σκηπτούχος βασιλεύς, ὧ τε Ζεὺς κῦδος ἔδωκεν" (278-79: "nunca tem parte igual de honra / o rei que porta o cetro, para quem Zeus deu glória"); além disso, a reação silenciosa do exército indica, a Aquiles, que eles apóiam seu comandante. Quer-me parecer, portanto, que interessa ao poeta criar uma tensão tal que inexistiria, ou, no mínimo, seria bastante diferente, caso um dos lados do conflito tivesse clara razão desde o início.

acampamento aqueu.¹⁸ Ao se dirigir a Agamêmnon (122), Aquiles, ao mesmo tempo, denomina-o “glorioso” (κῦδιστε)¹⁹ e “ambiciosíssimo” (φιλοκτηανώτατε). O segundo adjetivo, por um lado, pode ter sido um pouco menos insultante numa sociedade heróica onde a posse de riquezas era bastante valorada.²⁰ Acredito, porém, que a utilização do superlativo indica que esteja sendo feita uma pequena crítica, ou, o que é equivalente, Aquiles esteja tentando tratar o outro com uma certa condescendência: já que Agamêmnon é tão apegado às riquezas, que se prometa a ele, desde já, uma compensação a ser tirada dos ganhos futuros.

Esta condescendência continua no modo quase didático e, à primeira vista, prudente, como ele apresenta os problemas da reivindicação de Agamêmnon e a sua possível solução: 1) para que alguém receba um *geras*, é necessário que haja um butim que seja colocado ἐς μέσον; 2) não é possível recolher o que já foi dividido; 3) assim que houver novo butim, Agamêmnon será recompensado de forma especial. Esta última proposta, todavia, não é muito salutar. Oferta semelhante será feita por Agamêmnon a Aquiles mais tarde, por ocasião da embaixada do canto IX.²¹ O verso 9.136 (“ἄστν μέγα Πριάμοιο θεοὶ δῶωσ’ ἀλαπάξειαι”)²² é semelhante a 1.129 (“δῶσι (sc. Ζεύς) πόλιν Τροίην εὐτείχεον ἐξαλαπάξειαι”).²³ No canto IX, Aquiles descontrói, desqualificando-a, a lista de presentes de Agamêmnon;²⁴ para ele, o futuro não mais é a conquista de Tróia e sim o retorno para casa. Aquiles reavalia o passado e o presente, inclusive as ofertas de Agamêmnon, saqueando os significantes usados por este, distribuídos ao longo da resposta a Odisseu.

No canto I, não só Aquiles faz esta oferta ambígua, mas, ao insistir que Agamêmnon devolva Criseida, ele repete algo que o próprio Agamêmnon já disse que faria, ou seja, ele reapresenta –ou representa– o discurso do próprio

¹⁸ Para ERBSE (2001:242), “Achills Entgegnung ist enttäuschend”. Isto está de acordo com o tom geral do artigo, que, ao tentar apresentar uma leitura diversa da *communis opinio* acerca da briga –uma “Schwarzwiss-Malerei”–, na qual Agamêmnon recebe todos os tons negativos, cai no extremo oposto, segundo a qual o comportamento de Agamêmnon está de acordo com seus direitos e deveres, enquanto Aquiles, desde o início, se excede.

¹⁹ Epíteto compartilhado somente com Zeus: cf. PUCCI (1997:208). O termo μέγα κῦδος Ἀχαιῶν é usado para outros heróis, como por exemplo, Odisseu, assim qualificado pelo próprio Agamêmnon (9.673); inversamente, o próprio Odisseu chama Agamêmnon de Ἀτρεΐδῃ κῦδιστε (9.677) – bem como, por exemplo, Nestor (10.103).

²⁰ Cf. KIRK (1985:ad loc), para quem Aquiles não está sendo agressivo; já para MUELLNER (1996:104, n. 27) o termo é ofensivo: há uma ênfase em *philo-*, qualificando aquele que não pode largar seu bem e quer imediatamente um novo.

²¹ Já em 1.213-14, a própria Atena oferece compensação semelhante; acerca da ambigüidade de tal oferta e de toda a epifania de Atena, cf. PUCCI (1997:69-80).

²² “Os deuses concedem destruir a grande cidadela de Príamo”.

²³ “(Zeus) concede destruir a cidade de Tróia de bela muralha”.

²⁴ Cf. LYNN-GEORGE (1988:93-122).

rei.²⁵ Por conseguinte, mesmo que Aquiles tente tornar a questão um problema matemático, o modo como constrói seu discurso manifesta uma superioridade latente – e na área que pertence ao outro herói, a de comando. É por isso que Agamêmnon, aparentemente ignorando os procedimentos usuais de uma βουλή, adverte, mais adiante (186-87), aquele que tentar “falar igual a mim e tornar-se semelhante diante de mim”. O excesso de significantes em referência a uma mesma ação não só reproduz uma característica do discurso épico, mas também aponta para o excesso de Aquiles.²⁶

A briga torna-se mais aguda, e a rivalidade, mais explícita, a partir da resposta de Agamêmnon (131-47), a qual sinaliza que Aquiles ultrapassou limites considerados toleráveis. Se examinarmos as falas anteriores e as que seguirão, poderemos constatar que os insultos, muito embora se acirrem, nunca são arbitrários, ou seja, refletem a realidade de quem é atacado, ainda que – e isto pertence ao estilo do insulto – possam, em grau, ser exagerados.²⁷ Dessa forma, podemos partir do princípio que os versos que nos interessam, 131-32, dão conta, razoavelmente, do que Aquiles tentou, de fato, fazer.

Em primeiro lugar, ἀγαθός περ ἐών. No verso 122, Aquiles usa um epíteto *positivo* (κύνδιστε) antes de outro (φιλοκτεανώτατε), no mínimo, *ambíguo*, para se referir a Agamêmnon; mais adiante, no verso 149, um epíteto *negativo* (“recoberto de impudência”: ἀναιδείην ἐπειμέμνε) antes de outro, com um pouco de boa vontade, *ambíguo* (“de espírito interesseiro ou astucioso”: κερδαλέοφρον). Isto sugere que, no verso 131, Agamêmnon, antes de partir para o ataque no verso seguinte, faça uso das gentilezas formais habituais, muito embora comece sua fala com um μή δή típico de proibições.²⁸

Entretanto, como vimos que mesmo os elogios não são arbitrários, eles podem vir acompanhados de ironia. Θεοείκελος aparece somente duas vezes na *Iliada*, sendo que em ambas as passagens há referência a Aquiles. Em 19.155 (= 1.131), é Odisseu quem o denomina assim, ao pedir-lhe que façam uma refeição antes de atacar os troianos em represália à morte de Pátroclo. Tanto lá quanto aqui, portanto, é feita uma menção aos atributos divinos do filho de Tétis. Tendo em vista que, no canto XIX, Aquiles não chegou nem mesmo a responder a Odisseu e que, em 1.178, Agamêmnon diga, pejorativamente, que Aquiles só é o mais forte por ter recebido uma dádiva de um deus, a lembrança da origem divina de Aquiles em 1.131 não caracteriza um

²⁵ Observe a utilização do pronome pessoal *su* no verso 127 (“ἀλλὰ σὺ μὲν νῦν τήνδε θεῶ πρός”: “Mas tu entrega-a agora ao deus”); cf. PULLEYN (2000) *ad loc.*

²⁶ Para uma análise diversa (desmedida de Agamêmnon), cf. KIRK (1985:ad 187). Para PULLEYN (2000:ad 187), “another tautologous line characteristic of the high style”.

²⁷ Sobre as características retóricas do *neikos*, cf., por exemplo, MARTIN (1989:68 ss.): “[...] flying by its very nature leads to the enactment of a performance with a focus on style, even more so than in the genre of commands” (p. 77).

²⁸ Cf. DENNISTON (1954:223).

louvor inequívoco do herói.²⁹

Portanto, se tivermos em vista o caráter irônico do epíteto laudatório, o sentido de *περ*, que acompanha *ἀγαθός*, parece ser intensivo. Como é muito *ἀγαθός*, Aquiles não deve fazer *x*: *x* é algo que os *ἀγαθοί* não fazem. Todavia, isto não exclui o sentido concessivo.³⁰ Embora Aquiles seja *ἀγαθός*, ele não deve fazer *x*: *x*, então, é algo que os *ἀγαθοί* podem fazer. Assim, para interpretar o verso 131 é necessário, antes, verificarmos o que é *x*, do qual se fala no verso seguinte.

Começemos pela relação sintática entre os três sintagmas verbais. Enquanto que o imperativo (*κλέπτει*) contém a avaliação feita por Agamêmnon da ação de Aquiles manifestada no seu discurso, os dois futuros (*παρλεύσει*, *πείσει*) explicitam a finalidade desse discurso, o seja, as prováveis consequências da ação coibida por Agamêmnon. A utilização de *πείσεις*, por si só, demonstra que Agamêmnon está se referindo ao modo como Aquiles construiu seu discurso.³¹ Já os outros dois sintagmas conferem uma precisão maior a esta construção. *Παρέρχομαι* pode, simplesmente, ter o sentido de “ultrapassar”, com o que Agamêmnon estaria se referindo a uma suposta tentativa de Aquiles assumir alguma de suas prerrogativas como comandante do exército e/ou ultrapassá-lo, na contabilidade dos butins, em relação às riquezas que ambos acumularam durante a guerra.

Por outro lado, três passagens nas quais esse verbo está presente permittem-nos não só nuançar seu sentido básico, mas também traçar sua relação com *κλέπτει νόος*. Em v. 103-4,³² Hermes diz a Calipso que não é possível, a outro deus, “nem ultrapassar nem frustrar” o *νόος* de Zeus.³³ Em 13.291-92, Atena justamente inicia o louvor da astúcia de Odisseu dizendo que “seria esperto e furtivo quem te ultrapassasse / em todos os truques”.³⁴ Nesse segundo exemplo, o verbo está vinculado à esfera da astúcia e do dolo, de sorte que não deve surpreender que, no exemplo anterior –e no próximo–, seu sentido pode estar próximo ao de “burlar, enganar”, ou seja, uma “ultrapassa-

²⁹ Na *Odisséia* o uso do epíteto não é marcado, já que ele usado para qualificar Telêmaco (3.416), Deífobo (4.276) e Alcínoo (8.256).

³⁰ Segundo DENNISTON (1954:485), “the concessive sense is especially common with the participle, *περ* either following the participle, or being inserted elsewhere in the participial clause”.

³¹ A habilidade retórica de Aquiles aparece, por exemplo, no verso 127, quando ele não menciona Crises como aquele que deve receber algo de Agamêmnon, mas o “deus”, ou seja, Apolo.

³² Embora o verbo utilizado seja *παρεξέρχομαι*, ele é virtualmente sinônimo de *παρέρχομαι*.

³³ “Ἄλλὰ μάλ’ οὐ πῶς ἐστὶ Διὸς νόον αἰγιόχοιο / οὔτε παρελθεῖν ἄλλον θεόν οὔθ’ ἀλιώσει” (“Mas absolutamente não é possível ultrapassar o designio de Zeus porta-égide nem ultrapassar ou frustrar outro deus”); em v. 137-38, Calipso usa os mesmos verbos ao conversar com Odisseu sobre seu retorno. *Νόος* tem aqui o sentido de “disposição, decisão, vontade, designio, plano”, ou seja, o resultado da faculdade, não ela mesma ou o órgão. Também pode indicar “intenção”, ou seja, o que alguém pretende ou costuma fazer.

³⁴ “Κερδαλέος κ’ εἴη καὶ ἐπίκλοπος ὅς σε παρέλθοι / ἐν πάντεσσι δόλοισι” (“Seria esperto e furtivo quem te ultrapassasse em todos os truques”).

gem” na qual quem está sendo ultrapassado só se dá conta de tudo ulteriormente – caso não tiver a inteligência do seu oponente. Na *Teogonia* 613, em meio aos versos que encerram o mito de Prometeu, o narrador diz que não é possível “Διὸς κλέψαι νόον οὐδέ παρελθεῖν”.³⁵ Tais passagens, portanto, são suficientes para nos mostrar que Agamêmnon está comparando Aquiles a personagens como Odisseu, Hermes e Prometeu, que normalmente incorporam atributos antípodos aos de Aquiles. Resta verificar, porém, se o diagnóstico de Agamêmnon é realmente pejorativo.

Κλέπτω, curiosamente está ausente da *Odisséia*; já na *Iliada*, em nenhum momento tem uma conotação negativa, vinculado que está, de fato, à habilidade do agente (V.268) e à sua capacidade de fazer algo contra os interesses do oponente sem ser visto (24.71-72).³⁶ Distingue-se de ἀρπάζειν, que não só está presente em ambos os poemas, mas tem outras nuances, usado, por exemplo, em referência à violência de animais selvagens agarrando sua presa em alguns símiles (por exemplo, 17.62) e ao rapto (15.250).³⁷

Dessarte, no trecho em questão, o significado do verbo pode ser o de “agir furtivamente, enganar”, inclusive com um sentido lateral de “encobrir”.³⁸ Nessa acepção, a ação pode dizer respeito ao manejo hábil do discurso, como em 14.217, onde, às qualidades do cinto de Afrodite, arpe-se, assindetivamente, “a persuasão, que engana o espírito até mesmo dos que refletem com mais cuidado”.³⁹

³⁵ “Não é possível burlar o designio de Zeus nem ultrapassá-lo”.

³⁶ Cf. 3.11, onde, num símile, se fala do ladrão (κλεπτής) que gosta da névoa porque ninguém o vê agindo, e *Erga* 50-51, onde os dois movimentos da ação de Prometeu ao roubar o fogo divino são expressos por dois verbos colocados no início dos dois versos, κρύψε e ἔκλεψ’.

³⁷ Cf. igualmente o substantivo ἀρπακτήρ (24.262). Uma exceção importante é 22.276-77, onde Atena pega a lança que Aquiles lançou para devolvê-la ao aqueu, sem que Heitor perceba (“ἄνα δ’ ἦρπασε Παλλὰς Ἀθήνη, / ἄψ δ’ Ἀχιλλῆϊ δίδου, λάθε δ’ Ἔκτορα”: “e Palas Atena a agarrou / e imediatamente a deu a Aquiles, sem que Heitor percebesse”).

³⁸ Cf. DELG, s.v. κλέπτω: “L’idée de ‘tromperie, dissimulation’, est importante et le verbe se distingue bien de ἀρπάζω ‘enlever, ravir’”. Mais adiante, ao falar da etimologia do vocábulo, diz Chantraine: “La racine exprime le vol par ruse et un rapport lointain avec καλύπτω n’est pas exclu.” – Em 22.382, o *harpax* ὑποκλοπέομαι significa “esconder-se”.

³⁹ “Ἐνθ’ ἔνι μὲν φιλότης. ἐν δ’ ἴμερος, ἐν δ’ ὀαρσιτύς / πάρφασις, ἧ τ’ ἔκλεψε νόον πύκα περ φρονεόντων (14.216-17: “Nela há amor, desejo e conversa familiar, persuasão, que burla a intenção mesmo de quem reflete agudamente”). Sobre a πάρφασις, diz JANKO (1992:ad loc) o seguinte: “The noun ought to be linked to those preceding by ‘and’; the asyndeton makes 217 look like a disconnected gloss on ὀαρσιτύς.” Mesmo que tenha sido uma glosa, ela mostra, semanticamente, um ótimo conhecimento da linguagem épica por parte do glosador. – A relação entre κλέπτω e o discurso também é estabelecida em 13.295: em meio à lista dos atributos de Odisseu, Atena cita os μῦθοι κλοπίοι; vale notar que Alcínoo, em 9.364, dissera que Odisseu não é um ἐπίκλοπος, algum dos muitos homens que vagam criando mentiras. Em 23.397, esse termo, acompanhado de τόξων, tem meramente o sentido de habilidade. Já em 22.281, Heitor diz a Aquiles que ele é um ἐπίκλοπος μύθων, o que RICHARDSON (1993:ad 280-82) interpreta do seguinte modo: “Given Akhilleus’ hatred of deceitful speech (9.309-13), the

Resta, agora, indagar a razão para a utilização do dativo de νόος, e não do acusativo, como em 14.217 e *Teogonia* 613. Nessas duas passagens, fala-se de uma disputa entre *dois agentes*: o mais esperto consegue enganar, encobrir, o νόος do *adversário*. Já em 1.131, o verbo e o νόος referem-se ao *mesmo agente*, Aquiles. Aqui o dativo pode ter tanto um função locativa quanto causal-instrumental. No primeiro caso, acentuar-se-ia o sentido de “esconder”;⁴⁰ no segundo, o de “enganar”.⁴¹ Tanto num caso quanto no outro, Agamêmnon, ao afastar-se da construção habitual, acentua a tentativa de engodo de Aquiles. Como o próprio Aquiles diz de si mesmo que odeia “quem esconde uma coisa no peito e fala outra” (9.313),⁴² pode ser que Agamêmnon detecte em Aquiles uma ação que é oposta ao seu modo tradicional de ação.

Finalmente, como podemos ligar tal diagnóstico à expressão ἀγαθός περ ἔών? Há quatro possibilidades de leitura:

i) Uso limitativo de *per*: “Aquiles, mui valoroso (pelo menos no discurso), não roubes com o espírito...”. Agamêmnon está sendo irônico; a excelência “limpa e direta”, que não faz uso de subterfúgios, que heróis como Aquiles defendem no discurso e que, portanto, fazem sua fama, às vezes está ausente da sua prática. O próprio Agamêmnon, portanto, não desprezaria a astúcia, muito pelo contrário.⁴³

ii) Uso determinativo de *per*: “Aquiles, mui valoroso (portanto, não és trapaceiro), não roubes com o espírito...”. Agamêmnon mencionaria que é incompatível alguém tão ἀγαθός quanto Aquiles lançar mão de uma tática que tradicional ou culturalmente seria inconciliável com (cert) a ἀρετή guerreira. O problema de tal interpretação é que o próprio Agamêmnon jogará com a astúcia no canto seguinte, ao tentar motivar o exército.⁴⁴

Nas próximas duas interpretações, o sentido de περ é concessivo, embora em iii a oposição se dê entre “roubar com o espírito” e “ser valoroso” e em iv, entre “não roubar com o espírito” e “ser valoroso”:⁴⁵

iii) “Aquiles, não roubes com o espírito, pois és valoroso...”: na prática, o

taunt in 281-82 is particularly wounding”. O narrador, entretanto, não menciona nenhuma resposta de Aquiles.

⁴⁰ Compare com 1.363 (μὴ κεῦθε νόω); acerca do uso do dativo com partes do corpo, cf. CHANTRAINE (1953:78-79).

⁴¹ Cf. 3.128, 12.211, 14.197; *Teogonia* 661, Píndaro, *Pítica* 3.29. Nos trechos da *Odisséia*, o *noos* diz respeito, ao mesmo tempo, ao órgão, à faculdade e ao resultado, com uma ênfase no último, no sentido de “estratagemas”. Sobre a função causal, cf. a utilização de νόω em 13.305 e 16.374.

⁴² “Ὅς χ’ ἕτερον μὲν κεῦθη ἐνὶ φρεσίν, ἄλλο δὲ εἶπη”.

⁴³ Cf. DENNISTON (1954:483) e compare com 11.789 (“ὁ δὲ πείσεται εἰς ἀγαθὸν περ”).

⁴⁴ DENNISTON (1954:482) classifica o uso determinativo como “closely allied to the intensive use. The particle denotes, not that something is increased in measure, but that the speaker concentrates on it to the exclusion of other things: with, or without, the definite envisagement of some other particular thing thus excluded or contrasted”.

⁴⁵ Acerca da possibilidade de tal diferença, cf. DENNISTON (1954:485-86).

mesmo sentido de *ii supra*.⁴⁶

iv) "Aquiles, embora valoroso, não roubes com o espírito...": a excelência guerreira de um Aquiles e a astúcia não são incompatíveis. Aquiles, embora sendo ἀγαθός, e, portanto, também astucioso, ainda assim não persuadirá Agamêmnon, que se considera ainda mais ἀγαθός e, portanto, mais astucioso.

Concluindo, o número de interpretações possíveis do trecho, se levarmos em conta variáveis sintáticas e semânticas, parece ser justamente o sintoma de um constrangimento textual, qual seja, o de transgredir os limites entre dois temas supostamente antagônicos, a excelência guerreira que caracteriza os heróis que se destacam pela força, de um lado, e a astúcia, de outro, ao apresentar a ação de um mesmo herói. Uma possível causa desse constrangimento é a necessidade textual de produzir uma briga em que a nenhuma das duas partes possa ser dada total razão desde o início.⁴⁷ Outra possibilidade que talvez repouse na origem dessa dificuldade hermenêutica é que tal dicotomia seja insuficiente para descrever a caracterização dos (ou de alguns) heróis do poema, em especial, a de Aquiles. Aquiles, por certo, não é um Odisseu, mas desde o início do poema fica claro que ele não é desprovido da habilidade retórica, qualidade que, ao menos na *Iliada*, talvez seja o principal atributo do outro herói.

⁴⁶ É a interpretação de DENNISTON (1954:485).

⁴⁷ Segundo SEEK (1992:23-4), "ist es geradezu absurd, wenn Agamemnon sich auf einen Streit mit Achill einlässt. Der Dichter, der sich das las Aufgabe stellt, muss sich also der Schwierigkeit bewusst sein, und er muss sich einiges einfallen lassen, wenn der Streit plausible wirken soll." O autor, entretanto, segue argumentação diferente para o desenvolvimento da briga daquela que eu apresentei.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALLEN, T. W. (1917) *Homeri: Opera*. Tomo III: *Odisséia* I-XII, Oxford.
- (1919) *Homeri: Opera*. Tomo IV: *Odisséia* XIII-XXIV, Oxford.
- ALLEN, T. W. – MONRO, D. B. (1920) *Homeri: Opera*. Tomo I: *Ilíada* I-XII, Oxford.
- (1920) *Homeri: Opera*. Tomo II: *Ilíada* XIII-XXIV, Oxford.
- CHANTRAINE, P. (1953) *Grammaire homérique: syntaxe*, vol. 2, Paris.
- (1999) *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*, Paris. [DELG]
- DENNISTON, J. D. (1954) *The Greek Particles*, Oxford.
- EDWARDS, M. W. (1980) "Convention and individuality in *Iliad* I", *HSCP*, 84, pp. 1-28.
- ERBSE, H. (2001) "Achills Erziehung: Versagen und späte Einsicht", *RMPH*, 144, pp. 241-50.
- JANKO, R. (1992) *The Iliad: A Commentary*. Vol. 4: Livros XIII-XVI, Cambridge.
- KIM, J. (2000) *The Pity of Achilles: Oral Style and the Unity of the Iliad*, Lanham, New York.
- KIRK, G. S. (1985) *The Iliad: A Commentary*. Vol. 1: Livros I-IV, Cambridge.
- LYNN-GEORGE, M. (1988) *Epos: Word, Narrative and the Iliad*, London.
- MARTIN, R. P. (1989) *The Language of Heroes: Speech and Performance in the Iliad*, Ithaca-N. York-London.
- MONRO, D. B. (1974) *A Grammar of the Homeric Dialect*, Hildesheim-New York.
- MUELLNER, L. (1996) *The Anger of Achilles: Mēnis in Greek Epic*, Ithaca-London.
- POSTLETHWAITE, N. (1998) "Thersites in the *Iliad*" in MCAUSLAN, I. – WALCOT, P. (org.) *Homer*, Oxford.
- PUCCI, P. (1997) *The Song of the Sirens: Essays on Homer*, Lanham-New York.
- PULLEYN, S. (2000) *Homer: Iliad Book One* (edição, introdução, tradução e comentário), Oxford.
- RICHARDSON, N. (1993) *The Iliad: A Commentary*. Vol. 6: Livros XXI-XXIV, Cambridge.
- SCHMITT, A. (1990) *Selbständigkeit und Abhängigkeit menschlichen Handelns bei Homer*, Stuttgart; Mainz.
- SEEK, G. A. (1992) "Der Streit des Mächtigen und des Starken: Motivstruktur und homerische Verhaltenspsychologie im 1. Buch der 'Ilias'". *Hermes*, 120, pp. 1-18.
- SOLMSEN, F. (1990) *Hesiodi: Theogonia, Opera et dies, Scutum*. MERKELBACH, R. & WEST, M. L. *Fragmenta Selecta*, Oxford. (3ª ed.)

